

"FIM DE SEMANA"

ou  
"O LUTADOR"

De longe, vinha o apelo:

"Querido, estou muito desolada, quase sem casa, sem conforto, sem carinhos."

O grito feria-lhe o coração, crispava-lhe os dedos e humedecia os olhos que ele imaginara sempre secos. Recuperava lentamente daquela emoção e voltava uma vez ainda a ser o homem eternamente insolente em que se tinha tornado. Olhava o pequeno mundo em seu redor e sabia que tinha que decidir por si e por alguns outros.

Mas todas estas coisas lhe traziam tristeza.

A face, no entanto, ninguém a decifrava. E a voz era, como sempre, retumbante e dura. Ele era o comandante do pelotão. A um gesto seu, quarenta homens corriam. A um grito, tremiam. A um desejo, cantavam.

Estava, pois, na grandeza de pó da parada do quartel, coberto de Sol e dos seus galões e, à sua frente, os homens, perfilados, aguardavam. Conhecia-os. Sabia muito do que desejavam, do que resmungavam nas horas de mau humor, e das alegrias que o vinho lhes dava. Sabia que uma lâmina de barba era naquele mundo, mais importante do que um discurso, a necessidade de graxa para as botas, a tortura de muitas noites de solidão. Mandou destroçar o pelotão.

Era o fim de semana, e ele devia decidir dos que iriam a casa e dos que ficariam. Devia ser justo e imparcial. Aceitava, contudo, as pequenas lamúrias que eles, nos intervalos, vinham chorar às escondidas dos companheiros.

O primeiro homem tinha a cara afilada e os olhos azuis. Era vermelhusco e a voz, muito fina, fazia rir. Disse:

- Eu gostava de ir mais cedo porque a minha mulher tem só um par de sapatos, muito velhos, muito gastos, e toda a gente da aldeia faz troça dela. Eu, quando vou à terra, não gosto nada daquilo. Preciso de lhe comprar outro par de sapatos. Assim, trabalho no sábado e na manhã de Domingo, e ganho o dinheiro suficiente. Excuse

de ficar a dever cem mil réis sem saber quando os posse pagar.

Ficou a olhar para o chão, aparentemente comprometido com o que dissera.

Que lhe devia responder o comandante de pelotão? Dizer que sim? E os outros? Dizer que não? E a mulher, que apenas tinha uns sapatos velhos? Pensou em si próprio. Viu-se pelos olhos do pelotão e sentiu depositadas em si as esperanças de muita vida melhor, de muito problema a resolver. Estava triste e os seus homens não sabiam. Só via a boca, o comandante que os escolheria um a um e mataria muitas felicidades sonhadas durante toda a semana. Estava cansado, e só ele sabia como.

Voltou a rever a carta.

"Querido, estou muito desolada, quase sem casa, sem conforto, sem carinhos".

O Sol secava e queimava a terra da parada. Virou as costas para que ninguém visse como estava emocionado. O Sol escaldava. Todos tinham a cara castanha. Casara muito cedo, por amor puro, por ternura, por solidão, porque ela assim o quisera. Casara cedo demais e logo viera a tropa. Sua mulher estava longe e precisava de dinheiro, carinho, amparo, e ele pouco lhe podia dar de tudo isso. Era apenas um lutador mal armado que tinha desafiado a vida e que estava a ser lentamente derrotado.

- Está bem - disse ao marido trabalhador - Vou ver o teu caso. - E isto era quase dizer que sim.

Sentou-se num resto de relva, junto ao muro. Assim firmava uma estranha amizade, sem palavras, porque se aproximava dos seus soldados, sentando-se onde eles se sentavam, tal como qualquer um. Ali ficava até findar o intervalo, conversando e ouvindo.

Segundo homem veio ter com ele. Era alto e desengonçado. Andava muito devagar. De vez em quando sorria, sem qualquer razão. Também o sorriso era parado e levemente desengonçado. No dia anterior, à noite, no campo, enquanto os grupos corriam a tomar posições para um combate imaginário, o comandante de pelotão tinha ficado só com ele, esperando a hora decisiva em que o combate se trava-

ria. Estava um frio cortante. Levantara a gola do blusão e respirava fundo.

- Já estou habituado a estas coisas - dissera o rapaz alto. Não me custa nada andar de noite sem fazer barulho. E sei reconhecer o melhor caminho com facilidade.

Houve um pequeno silêncio de curiosidade. Um rato estralejou perto. Do eucaliptal fugia um cheiro penetrante a porcos e cães. Ele continuou:

- Já dormi muitas noites ao relento. Por isso não tenho frio.

A lua despontava longe, na planície, e recortava algumas árvores atarracadas e solitárias. Era uma lua timidamente quente que diminuía de tamanho e empalidecia um pouco com o decorrer do tempo.

- Que fazias tu antes de vir para a tropa?

O rapaz não olhava de frente. A sua voz era a de um garoto a precisar de carinho.: - Trabalhava com o meu pai. Apanhávamos junço. Vocemecê sabe o que é junço?

O comandante do pelotão estava demasiado absorto para lhe dizer que o não devia tratar por vocemecê, que era a lei, e que a lei devia ser cumprida.

- É assim uma coisa parecida com vime, mas mais fino.

- E isso dá dinheiro?

- Dá. Dava pouco, mas chegava para nós. Eu e o meu pai andávamos por aí, arrematávamos um vale e depois cortávamos o junço todo. Servia para atar couves, cebolas e outras coisas.

Deu-lhe pena aquela história. Nunca tinha pensado que alguém pudesse ganhar a vida a apanhar uma planta que servia para atar as couves antes de as levar ao mercado. Havia muitas coisas que desconhecia, principalmente as coisas da miséria, embora por ela cruzasse muitas vezes.

- Trabalhaste sempre com o teu pai?

- Não. Há uns tempos para cá trabalhava sózinho.

Adivinhou logo, nem foi preciso explicar. Era assim a vida triste. Quase sempre assim. - O teu pai batia-te? - perguntou.

4

O outro riu. - Se batia. Era cada sova!

- E bebia, claro. Malhava-te a valer quando estava com os copos, hem! - riu também, sem muita vontade, sentindo os cantos dos lábios repuxados para baixo. - Foste viver sózinho quando o deixas te?

Aquela história do rapaz espancado que ria suavemente quando lembrava o passado introduziu qualquer coisa de cortante e afiado no ambiente. Tinha a impressão de que as rochas soariam cave se alguém batesse nelas com um pouco de força.

- Fui mais a minha mãe - respondeu o soldado - Ajudava-a. Trabalhava em fretes e sempre arranjava algum dinheiro. As gorgetas eram boas.

- Não tinhas mais irmãos?

Voltou a rir e estava d' siludido. - Tenho dois. O mais velho é maluco. Sofre da cabeça. Tem dezóito anos. O outro é pequenino. - e depois, muito lentamente - Recebi ontem uma carta a dizer que está no hospital.

O comandante do pelotão levantou-se e sorveu o ar com força. - É maluco, o teu irmão?

- Pois. Tem assim coisas... De vez em quando foge de casa, e nós danamo-nos para o encontrar. Vai pelos campos ao deusdará.

- Essa é boa - disse o alferes. E não morre de fome? Precisa de comer, não?

O rapaz meneou a cabeça. - Ora. Ele anda a pedir. As pessoas tem pena e dão-lhe umas códi-as. Os amigos também ajudam.

Agora, de manhã, era aquele o segundo soldado a fazer um pedido particular.

Pediu licença e sentou-se, dobrando-se desde o alto da elevada estatura e encolhendo d' pois as pernas.

- Gostava de ir ver o meu irmão mais novo. Está no hospital e nem sei que doença ele tem.

- Homem, - respondeu o alferes sem o fitar - tu não sabes que não devo favorecer ninguém?

5

- Sei, sim senhor.- um silêncio.- Há tanto tempo que não vejo o meu pobre irmão. Agora ele está doente e não sei o que tem.

Fez o alferes um gesto vago e ficou a pensar em turbilhões coisas incompreensíveis. Os homens evoluíam na longa parada ao sabor de uma palavra, de um riso, de um desejo. Alguns bebiam água. Outros empurravam-se, dando gargalhadas. Outros ainda, passeavam.

Vieram em seguida quatro homens. Falou um de cara de fujinha e malandro, olhinhos piscos e maçãs de rosto salientes. Disse:

Do fim da carreira à nossa terra são vinte quilómetros. Não há maneira de ir para lá a não ser a pé. Um de nós leva a roupa dos outros, pois não temos dinheiro para pagar à lavadeira, e se não temos a roupa lavada não podemos sair do quartel. Vimos pedir ao meu alferes para autorizar um a ir à terra.

O alferes afastou-os com um gesto. - Depois se verá.

Outro tinha um grande bigode leiro e voz arrastada. Era magro. Olhava a pedir amizade. Contudo o alferes sabia já por experiência como os homens podem mudar súbitamente, e como aquele olhar se podia transformar em hostilidade ou ódio, e começava o lento caminho de não se deixar influenciar pela expressão dos outros.

--A minha mulher, coitadita - disse o rapaz - está doente, e eu precisava de ir à terra para trabalhar para ela comer. Também ia regar uma horta pequena dos meus velhotes, que precisa muito de água.

- Está bem, rapaz - disse o alferes, com ar cansado e um pouco abatido - Eu vou ver isso. Podes ir-te embora.

E assim eram todos. Com os seus problemas insolúveis. Com a sua necessidade de apoio contra uma força que era maior do que eles. O comandante de pelotão compreendia-os. Era nove mas sentia sobre os ombros tremendas responsabilidades (Era possível que os amigos se rissem se de tal seoubessem). Havia muita coisa a transformar, muita injustiça a combater, muita estupidez a vencer. Tudo isso o tinha tornado mais velho do que era, mais precocemente adul

to.

No intervalo que findava havia também aquela carta, e a mulher que estava longe, sôzinhasse carinhos, a resistir à opo-  
sição que o mundo lhe fazia. Até quanto? Devia lutar. Por eles, por  
ela, por ele. Devia ser humane e justo, o que era difícil.

Levantou-se e mandou formar os homens. Enquanto, rápidos,  
formavam, porque ele os ensinara a correr a uma ordem sua, e disse-  
ra que os deixaria descansar sempre que pudesse, mas os queria for-  
mados a correr quando chamasse, o comandante de pelotão sentiu as  
palavras crescer dentro de si, fortes, violentas, avassaladoras, pala-  
vras que há muito se deviam ter formado no subconsciente e apre-  
veitavam a ocasião para se revelar.

Olhou serenamente para o pelotão, talvez com a expressão  
um pouco fria, talvez um pouco distante. Franziu a testa, e então co-  
meçou:

- O que vos vou dizer, rapazes, não vos vai matar a fome,  
nem vos trará dinheiro, nem vos consertará os sapatos, nem constru-  
irá casas, nem tirará as rugas às mulheres. O que vos vou dizer não  
dará licenças de fim de semana e, possivelmente, apenas conseguirá  
trazer sobre mim a vossa descrença. Mas é necessário dizer estas  
palavras. Num outro dia, num outro sítio, a uma sombra melhor ou sob  
um sol mais quente, alguns lembrar-se-ão. E então as minhas pala-  
vras iluminar-se-ão como flores. - Sorriu, fez uma pequena pausa  
e observou-os. O calor era muito, e alguns começavam a estar desa-  
tentos. - Eu sei, rapazes, que vocês vivem mal. Alguns vivem, mesmo,  
miseravelmente. Vocês precisam de dinheiro, de comida, de casas, de  
medicamentos, de ferramentas para trabalhar, de água para se lava-  
rem. Mas como vocês há milhões, centenas de milhões. E talvez vo-  
cês não saibam que para os vossos netos, ou para os filhos dos vos-  
sos netos, haverá muito menos terra e muito menos comida. Eles se-  
rão tantos como as formigas e enegrecerão a terra e os mares. Is-  
to se, no entretanto, não vier o fim do mundo, ou grandes destrui-  
ções. Para eles, se os homens continuarem a nascer tanto como agora,  
vai ser ainda mais duro viver. Não vos direi, pois, que a culpa deste

estado de coisas pertence a um ou a outro. Porque a culpa ou é de todos ou não é de nenhum. Dir-vos-ei antes que, se quiserem viver melhor, vocês próprios devem melhorar. Tem que abandonar a estupidez, as credices, a preguiça, a inveja, a vingança, o ódio sem causa, a cupidéz, a hipocrisia. Ou se tornam melhores ou não merecem ajuda. Cada um preparará o seu próprio funeral, e com ele o funeral dos futuros netos. Cada um de nós, vocês e eu, deverá abandonar o sentimentalismo e a pena, porque eles não são justos nem resolvem problemas. Tenho vergonha, não por mim, mas por vocês, por sentir pena. Os nossos actos devem ser orientados por outras razões. Em vez da caridade organizada, a justiça. Em vez da força mesquinha, a categoria pessoal.

Parou e sentiu o calor atravessá-lo como uma onda. Falava demais. Talvez sem sentido nem consequências. Estava mortalmente cansado.

- O nesse sargento lerá o número dos que estão dispensados com mais um dia.

Quando foi conhecido o número dos sorteados, embora a escolha fosse justa, elevou-se um murmúrio de desaprovação, de desânimo, de animosidade. Cada um pensava em si.

Ao dirigir-se para o quarto, o comandante do pelotão preparava-se para o fim de semana. No íntimo sentia o que não queria sentir: pena deles, pena da mulher distante e, com vago horror, um começo de pena por si próprio, ligado a uma vaga sensação de derreta e falhanço.